



FRONTEIRAS, MISTURAS, METAMORFOSES E MEMÓRIAS DA PEQUENA CIDADE DE PORTO DE PEDRAS, ALAGOAS

EIXO TEMÁTICO: 3 - “OUTRAS” HISTÓRIAS?

TEIXEIRA, Quézia Micaelle de Oliveira

Mestranda; Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

queziamoteixeira@gmail.com

SILVA, Maria Angélica da

Professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, bolsista de produtividade do CNPq.

mas.ufal@gmail.com

RESUMO

Cidades dentro de cidades, é como surgem alguns núcleos urbanos no estado de Alagoas. Como uma bricolagem de corpos e paisagens, a vida humana encontra caminhos para constituir seus territórios e formar as pequenas cidades. Da mesma maneira, em Porto de Pedras, no litoral norte de Alagoas, a territorialização se manifestou através de conexões entre etnias, terras e disputas. Surgiu relacionada molecularmente com outras pequenas ocupações, imbricadas desde suas origens a outras dinâmicas urbanas mas que, como no caso em tela, desdobram-se em uma existência que soma vários séculos, desde o período colonial. Há mais de outras dentro de si mesmas do que se pode imaginar. Utilizando como estratégia metodológica o corpo sensível posto à deriva, assumindo a percepção como mediadora e interventora dos processos do habitar, este trabalho se debruça a discutir a formação territorial da cidade a partir dos ‘outros’ que a constituem. A proposta apresenta um olhar para a sua concepção urbana, apontando a multiplicidade compositiva do lugar através das mais variadas relações como laços familiares em metamorfose, misturas temporais e trocas entre culturas.

PALAVRAS-CHAVE: pequenas cidades; corporeidades; laços de família; metamorfose; história territorial de Alagoas.

ABSTRACT

Cities within cities, this is how some urban centers emerge in the state of Alagoas. Like a bricolage of bodies and landscapes, human life finds ways to constitute its territories and form small cities. Likewise, in Porto de Pedras, on the north coast of Alagoas, territorialization manifested itself through connections between ethnicities, lands and disputes. It emerged molecularly related to other small occupations, intertwined from its origins with other urban dynamics but which, as in the case at hand, unfold in an existence that spans several centuries, since the colonial period. There are more others within themselves than one can imagine. Using the sensitive body set adrift as a methodological strategy, assuming corporeal perception as a mediator and interventionist in the processes of living, this work focuses on discussing the territorial formation of the city from the 'others' that constitute it. The proposal presents a look at its urban conception, pointing out the compositional multiplicity of the place through the most varied relationships such as family ties in metamorphosis, temporal mixtures and exchanges between cultures..

KEY-WORDS: *small cities; corporeities; family relationships; metamorphosis; territorial history of Alagoas.*

RESUMEN

Ciudades dentro de las ciudades, así surgen algunos centros urbanos en el estado de Alagoas. Como un bricolaje de cuerpos y paisajes, la vida humana encuentra formas de constituir sus territorios y formar pequeñas ciudades. Asimismo, en Porto de Pedras, en la costa norte de Alagoas, la territorialización se manifestó a través de conexiones entre etnias, tierras y disputas. Surgió molecularmente relacionada con otras pequeñas ocupaciones, entrelazadas desde sus orígenes con otras dinámicas urbanas pero que, como en el caso que nos ocupa, se despliegan en una existencia que abarca varios siglos, desde el período colonial. Hay más otros dentro de ellos de los que uno puede imaginar. Utilizando el cuerpo sensible a la deriva como estrategia metodológica, asumiendo la percepción corporal como mediadora e intervencionista en los procesos de habitar, este trabajo se centra en discutir la formación territorial de la ciudad a partir de los "otros" que la constituyen. La propuesta presenta una mirada a su concepción urbana, señalando la multiplicidad compositiva del lugar a través de las más variadas relaciones como vínculos familiares en metamorfosis, mezclas temporales e intercambios entre culturas.

PALABRAS CLAVE: *ciudades pequeñas; corporeidades; lazos familiares; metamorfosis; Historia territorial de Alagoas.*

1 - INTRODUÇÃO

Onde começam as cidades? É sempre possível vislumbrar suas fronteiras? Sabemos que em especial nas grandes metrópoles, já não há mais um interstício vegetal, uma zona de sítios que as separam das circunvizinhas. O que acontece no caso de cidades menores? Uma pequena cidade que se constrói sobre uma linha tênue na fronteira com o urbano e o rural, possui um jeito próprio de se fazer. O tempo passa em uma cadência única como a de quem não tem pressa em seu caminho. Os arruados se espalham em torno da única rua principal que corta a cidade, e neles famílias se acomodam aproximadas enquanto criam uma dinâmica própria de viver. Esta é Porto de Pedras, localizada no litoral norte de Alagoas, pequena cidade que tem ganhado holofotes graças aos seus atributos naturais recém descobertos pelo turismo que tem crescido muito na sua área.

Para quem sai da capital, Maceió, percorre-se cerca de 130 quilômetros e ao pegar uma estrada vicinal, vai-se adentrando por pequenos povoados naturalmente aproximados que não se distinguem de seus municípios, desde a Barra de Camaragibe, Marceneiro, São Miguel dos Milagres, Toque, Porto da Rua, Tatuamunha, Lage, Patacho, Curtume, Porto de Pedras até Salinas. Ao longo do percurso, as construções vão ficando majoritariamente horizontais, se espaçando, se envolvendo na vegetação, se afastando das avenidas e se recolhendo num movimento de guarda de um mundo próprio. As localidades urbanas que bordeiam o caminho vão diminuindo, as pequenas casas em geral geminadas, vão se aproximando em faixas que de fato definem o que vai ser chamado de rua. A porta frontal da casa, na margem da via, abre-se para ela à vontade, em especial nas tardes, onde as cadeiras vão para a calçada aliviando o calor interno das pequenas moradias, providas de poucas aberturas. Assim como as praças, que reúnem ritualmente os habitantes numa proposta de socialização que não se distancia muito da que ocorre no núcleo familiar. Pois os processos de vizinhança, no caso de Porto de Pedras, ainda são essenciais para a vida social cotidiana.

Em um deslocamento em busca por respostas sobre a paisagem e minha própria ancestralidade, visto se localizar nesta cidade a origem familiar materna, a cidade de Porto de Pedras se apresentou ao mesmo tempo como um local a ser desvendado e um lugar facilmente reconhecido. Levando a campo o corpo como intermediador sensível, método amplamente adotado pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (<https://fau.ufal.br/grupopesquisa/estudosdapaisagem/>), ao qual nos vinculamos, a deriva, a sensorialidade e a corporeidade nortearam as percepções da paisagem enquanto lugares, pessoas, dinâmicas e tempos que se expunham durante as visitas de campo.

O corpo como mediador permite perceber o espaço urbano irrestritamente através de si. Do sentido comumente dominante – o olhar – aos mais periféricos, como os que se ligam à sola dos pés ou a interioridades como ao estômago, que reage aos estímulos externos de diversas maneiras, como num “frio na barriga”. No movimento intermediador, surge um corpo-cartógrafo, apontado por Jaques (2008), quando ele inscreve e porta, em si, as experiências urbanas adquiridas em suas vivências. Ainda que de forma involuntária, o corpo sensível registra as experimentações, tornando-o determinante na geração de cartografias de uma cidade única, mas também em certa maneira, coletiva, em seus sentidos, percepções e temporalidades.

Contudo, como observado por Milton Santos (2001), o ritmo de vida imposto pela globalização distancia o corpo da realidade cotidiana. Novos ritmos adentram a vida urbana e o intercruzar de tão diversos interesses econômicos e modos de viver, pensar e fazer cidades, passam a intervir no compasso do tempo, transformando-o em um refém do movimento contemporâneo. A pulsação vagarosa do tempo, que andava outrora sem tanta pressa, foi ultrapassada pela velocidade das urgências modernas. Na mesma ligeireza com que se impõe, também o tempo se esvai. Já não se nota, não se toca ou se percebe a própria dimensão corporal, inclusive engolida por um mundo que se faz cada vez mais virtual. E num movimento de resistência, o autor discute uma globalização através da divisão do trabalho, onde:

Por cima é um campo de maior velocidade. Nela, a rigidez das normas econômicas (privadas e públicas) impede a política. Por baixo há maior dinamismo intrínseco,

maior movimento espontâneo, mais encontros gratuitos, maior complexidade, mais riqueza (a riqueza e o movimento dos homens lentos), mais combinações. (Santos, 2001, p.70-71)

Estar “por baixo” se apresenta como forma de resistência aos fluxos de tempo acelerado e padrões mandatórios da contemporaneidade, seguindo na contra mão intencionando aproximar o modo de viver de uma realidade corporal, sensível e cotidiana. Em sua obra *A sociedade do espetáculo*, importante produção para o movimento situacionista, Debord já criticava a vida moderna e sua espetacularização. Para ele, o espetáculo “não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real.” (1967, p.15) Na espetacularização da vida os sujeitos são meros expectadores, passivos, que abandonam as experiências reais pelas imagens, transformando a realidade em mercadoria.

Atribuir domínio ao próprio corpo é reconhecer a potência do sensível e resistir à rigidez da vida imposta pelo movimento de globalização. Utilizar a deriva como meio metodológico propicia um escape desse controle, permitindo que as experimentações do espaço urbano se deem de forma mais calma, introspectiva, livre e imprevisível. Para Debord, a deriva promove uma abertura para recuperar a despretensão e a fluidez na percepção corpórea da cidade, rompendo com o poder exercido pelo espetáculo.

Voltando a Porto de Pedras, usufruindo da intimidade familiar para a aproximação com a comunidade, foi possível encontrar amenidades particulares que reafirmaram a individualidade das dinâmicas construídas ainda parcialmente resistentes ao tempo veloz e descorporificado. As portas que se abriram sem reservas me levaram por caminhos não lineares, e a formação das famílias se entrelaçavam sem que se soubesse o início ou o fim, recordando outrora quando estas estruturas eram mais homogêneas e significativas.

A pequena cidade litorânea resguarda em si – apesar do alastramento recente de dinâmicas divergentes, atraídas por um suposto desenvolvimento fomentado pelo turismo – uma estruturação social que se ampara em seus vínculos familiares e afetivos. Foi apoiado sobre o emaranhamento destas relações que o espaço urbano se desenvolveu e mantém preservada esta, a cada dia mais incomum, característica que atravessa tempos e culturas.

O turismo atraiu para Porto de Pedras não só holofotes, mas também a interação com outras pessoas e seus mundos. E, dentre as transformações geradas pelo contexto moderno, a distância, além do tempo, é conferida a uma nova escala. A medida abandona sua referência humana, aproximada do corpo, e passa a ancorar-se no mundo. Dentro da unidade de hora passa a caber um deslocamento entre países, graças ao advento tecnológico do avião, mas ainda – onde o tempo não se entrega cativo à fugacidade – cabem momentos relacionais, pessoais, consigo e com o outro.

A diversidade nessa convivência múltipla provoca um confronto entre dois mundos, um com características fixadas em sua etnicidade, em certa medida, preservada das dinâmicas modernas; e outra fluida, confortavelmente negociável, afetada pelo ritmo acelerado de um modo de viver uniforme e contemporâneo. Enquanto esquadrinha a liquidez da vida moderna, Bauman argumenta sobre “como a ideia de “bem comum” é vista com suspeição, como ameaçadora, nebulosa ou confusa – a busca de segurança numa identidade comum e não em função de interesses compartilhados emerge como o modo mais sensato, eficaz e lucrativo de proceder.” (2000, p.124) É num intrincamento envolvendo o que se mantém culturalmente das relações entre a individualidade e o coletivo, e as efemeridades da modernidade líquida, que esta cidade se apresenta, um cruzamento de universos.

Considerando a amplitude das relações interfamiliares, como se identifica a qual núcleo se pertence? Em uma abordagem comum, durante um momento na mercearia que se abriga na garagem de uma casa, foi possível ouvir a pergunta – sem qualquer timidez ou receio pelo desconhecido – você é neta de quem? Em outras palavras, qual é a sua origem? A preposição “de” responsável por ligar um termo independente a um termo dependente, relacionando um sujeito a outro, tornou-se parte de um signo essencial. Tornei-me Quézia neta do seu Louro (Lourival – *in memorian*). É assim que me identificam. Já minha mãe é Nete, filha da Linda (Lindalva – *in memorian*), é como é identificada. A tantos pertence o ser de cada um, como se os outros fossem parte de nós.

Depois de um certo tempo, o acolhimento gentil da comunidade fez com que os elos sanguíneos já não fossem mais a única forma de conexão para que eu me fizesse re-conhecer

naquele local. Já me movia ali para além da rede de parentesco, ia me sentindo pertencente ao lugar.

Figuras 1 e 2: Paisagens de Porto de Pedras



Fonte: Autora (2024)

2 - VIDA NA VIDA ENTRE HUMANOS

Ser identificado. É o olhar externo significando o outro.

Se identificar. É o atravessamento significante entre o movimento de olhar para dentro e o de se encontrar fora.

Perceber o olhar do outro sobre mim trouxe um despertar sobre os afetos do meu corpo sobre o lugar. Em um contexto onde a socialização está diretamente ligada aos laços familiares entrecruzados, o corpo visitante, inicialmente acolhido por razões genealógicas, torna-se também um provocador indiscreto sobre qual é o seu lugar nessa cidade. Contudo, mudando a perspectiva, o olhar intermitente e passageiro do corpo visitante também é afetado pelas pessoas, pelos elos criados e (re) encontrados, e pela própria cidade. Como então posso significar meu olhar sobre os porto-pedrenses e até sobre mim mesma?

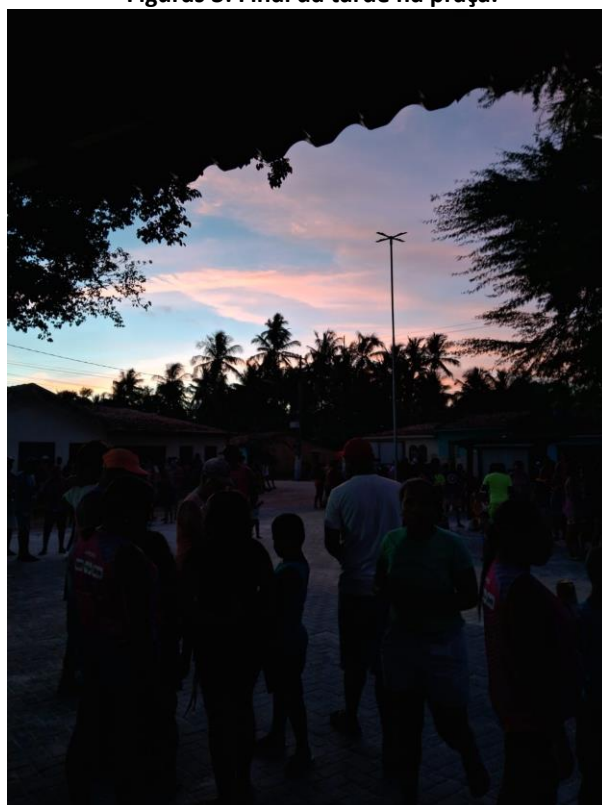
É através de outras vidas, como a minha, da minha mãe, da minha avó, da minha tataravó, e assim sucessivamente – todas precedentes de um pronome possessivo, unindo-as a mim pelo pertencer desde o princípio de suas vidas– em um processo decrescente, em direção a uma origem infinda, onde partes geracionais se somam e parecem me lembrar que partes de mim já estiveram nesse lugar. Para Coccia, que em seu livro *Metamorfoses*, analisa os laços criados

pela existência dos seres, “nós somos um mesmo mundo e uma mesma substância, a vida humana fragmenta-se desde seu nascimento, onde o DNA que nos dá características únicas é, na verdade, compartilhado” (2020, p.13). Logo, o ato de gestar advém do compartilhamento de corpos, onde a vida carrega partes de outras vidas fragmentadas, que passam a coexistir.

É com os olhos dos pés sob o chão de barro, rememorados pela textura fina e seca, nos dias de sol, do piso da casa de taipa – que ainda está lá, aparentemente desconectada do tempo presente – feita por mãos que também eram minhas, ou ainda, com os olhos da pele, salgada pelo mar de água cristalinas, sentindo o vento me encontrar, relembrando dos aprendizados sobre a cata e a pesca dos frutos do mar que trouxeram alimento a outros corpos que também fui eu, é que passo a reconhecer o lugar que, agora sei, também é meu.

Enquanto esquadrinha a genética e a reencarnação, Coccia (2020, p.129) afirma que “nada do que habita em nós é novo. Tudo vem de outros lugares, de outros corpos, de outros tempos”. Portanto, pertencemos a outros desde o princípio de nossa existência, somos a continuidade do não vivo, seu prolongamento, sua metamorfose, sua expressão mais extrema (2020, p. 16).

Figuras 3: Final da tarde na praça.



Fonte: Autora (2024)

3 – VIDA NA VIDA NA HISTÓRIA DE PORTO DE PEDRAS

Pequenas cidades são, por vezes, partes de outras cidades que compunham outros territórios. É o caso de Porto de Pedras. Antes dos colonizadores europeus certamente seu território foi ocupado por povos indígenas, as terras férteis envoltas por rios e pelo mar eram um local propício à vida humana. Até a chegada de estrangeiros, portugueses, holandeses, e outros possíveis que se entranharam na terra e exerceram domínio, desenvolveram ali toda uma forma própria de existência.

No início do século XVII os portugueses, que já ocupavam as terras do que foi a seguir a capitania de Pernambuco, tomaram posse das terras nas quais atualmente diversas cidades, dentre elas, Porto Calvo. Destinado aos cuidados de Cristóvão Lins através da sesmaria, o território compreendia os rios Manguaba, passando pelo Camarajibe, hoje inseridos nas cidades de Matriz e Passo do Camaragibe, o Tatuamunha, na atual Porto de Pedras, e chegando ao rio Santo Antônio, na contemporânea São Luiz do Quitunde. (Lindoso, 2019, p. 36). Portanto, tratava-se de um território fértil que, a seguir, cobriu-se de canas de açúcar por causa da fertilidade de suas terras e possibilidade de acesso providas pelos cursos d'água. Por isso, foi palco de inúmeras disputas.

Dirceu Lindoso, importante historiador alagoano, chamará esta faixa do território de Alagoas Boreal, importante não só pelos engenhos, mas também por se constituir parcialmente, em território do quilombo de Palmares. Para Lindoso (2019, p.32-33), “Porto Calvo nasceu portuguesíssima pelo nome e pela língua falada pelos seus povoadores. [...] O Brasil não é Portugal, mas nasceu português.” E é dessa colonização que nascem duas vilas fortificadas: “Porto Calvo na colina no pé do planalto, entre matas e chã, e Porto de Pedras à foz do rio, entre um outeiro e a restinga do Bitingui.” São cidades historicamente irmãs, que se constituem numa relação mutualista que ultrapassa as delimitações geopolíticas e, ainda hoje, mantém entre a população laços através da oferta de serviços e infraestrutura urbana.

De fato, se observarmos a ocupação territorial do atual estado de Alagoas, foi graças às ligações entre os três primeiros núcleos de povoamento, Penedo, Santa Maria Madalena (hoje Marechal Deodoro) e Porto Calvo, que se originaram outros pequenos povoados como Porto

de Pedras. Ela foi desmembrada de Porto Calvo através de um Alvará Régio em 5 de dezembro de 1815, momento em que o povoado foi elevado à categoria de vila, depois foi suprimida e anexada a Passo de Camaragibe pela Lei Provincial nº 438 de 4 de julho de 1864, mas em 26 de novembro 1868 foi restaurada a Porto Calvo pela Lei Provincial nº 505, alcançando o estatuto de cidade apenas em 1921, através da Lei nº 903. Mas a ocupação pelos europeus começou já no primeiro século da colonização, em 1596, quando frades franciscanos assumiram a denominada Missão do Porto de Pedras para catequizar os que ali estavam.

A aldeia chamava-se Porto de Pedras, fica na capitania de Pernambuco, a dez léguas da povoação de Iguaçu, na parte meridional. A direção da aldeia foi confiada a Frei Antônio de Campo Maior já então septuagenário. [...] Pondo no Senhor sua esperança e seus pensamentos, ele e seus companheiros dirigiram-se logo ao campo de trabalho, a fim de iluminar aquelas almas que viviam em trevas e conduzi-las ao verdadeiro conhecimento de Deus, juntamente com os outros que aos poucos vinham da floresta. (Ilha, 1975, p.93-94)

Considerando as vantagens estratégicas que as águas ofereciam para o escoamento da produção açucareira, mas também considerando as demandas essenciais para a vida urbana, naturalmente as povoações se desenvolveram em torno de rios e lagos. No caso de Porto de Pedras, a cidade se desenvolveu posicionada entre o rio Manguaba – que adentrando em seu curso dá acesso a Porto Calvo – e o mar, que propiciava a vigília para guarda das riquezas e do território. Sobre esta leitura territorial, Porto de Pedras, ao se colocar ao lado de Porto Calvo, e sendo um porto, vai despertar a atenção dos holandeses que no tempo da ocupação da Capitania de Pernambuco no século XVII, cartografou seu território, embora sem nomeá-lo.

Figura 4: Brasília qua parte paret Belgis. Cartografia do século XVII sob o olhar holandês.



Fonte: Silva (org.) (2011)

O solo delimitado pelos portugueses tornou-se capitania de Pernambuco e a partir dele saíram missões em busca de prover a exploração econômica da terra. De povoado, vila a cidade, Porto Calvo liderou a ocupação territorial dessa parte da capitania, destacando-se, como se viu, pela produção de cana-de-açúcar. Foi desse movimento de expansão no qual o território portuário exercia importante papel econômico e político que, em uma relação mutualística, Porto Calvo e o que viria a se tornar Porto de Pedras se desenvolveram.

A cidade que nasce de outras cidades pertenceu à Porto Calvo e a Passo de Camaragibe. Na região do seu entorno atual se encontram as cidades limítrofes Porto Calvo, Matriz de Camaragibe, Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Japaratinga. Entrecruzadas por seus rios e banhadas pelo mar de águas cristalinas, atualmente as cidades se apoiam em uma rota para atrair o turismo e o desenvolvimento urbano.

Mas de fato, esta rota turística apenas se vale de uma ocupação linear, onde diversas cidades com seus distritos e povoados, se alinham a partir de uma estrada que até pouco tempo era de barro. Assim se dispõe em uma estreita rua praticamente única, margeada pelos casarios geminados, envoltas de um lado pelos outeiros, de outro pelo mar, e atravessadas pelos rios.

Figura 5: Vista aérea da região de Porto de Pedras, entre o rio Manguaba e o mar.



Fonte: Google Earth (2024)

Desde as incursões, os portugueses adquiriram força e desbravaram as terras que encontraram, misturando seu sangue, suor e genes na construção do que se tornou o Brasil. Miscigenados de outros corpos e culturas, fazendo parte da história de outros povos, esses somos nós. Rememorando Coccia, a ideia de pertencer a algo ou alguém toma proporções continentais e a percepção de estar em-casa já não cabe na cristalização do lugar do nascer, mas se permite construir em outros territórios.

4- NÃO SERIAMOS NÓS FEITOS DE “OUTROS”?

O sentido de pertencer e ser abrigado em um espaço, de estar em-casa, está diretamente ligado aos movimentos territorializantes intrínsecos à necessidade humana de habitar. Como expõe Deleuze e Guattari (2012, p.122), “o em-casa não preexiste: foi preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado.” Como alguém cuja história compartilha sua multiplicidade com o mundo pode encontrar sua origem, seu lar? Em Porto de Pedras, quando um povo tão diverso se reconheceu um?

Para Deleuze e Guattari (2012, p. 143), “... o território remete a um centro intenso no mais profundo de si; mas, precisamente, como vimos, este centro intenso pode estar situado fora

do território, no ponto de convergência de territórios muito diferentes ou muito afastados. O natal está fora.” Incontáveis corpos atravessaram escalas continentais até chegar em terras brasileiras, alguns chegaram e não retornaram a sua origem, outros aqui viveram e permaneceram, outros passaram, mas não se fixaram. Em diferentes temporalidades, os ritmos de territorialização são conectados em uma sintonia rizomática (2012, p.43) e então encontramos o em-casa em diferentes paisagens, distantes do ponto de nascimento, fora da origem, constituindo um território único, múltiplo e atemporal.

Como o corpo visitante, que nem sempre se aproxima do movimento de habituar-se, mas em sua inconstância vivencia a cidade, foi possível encontrar uma diversidade em como a paisagem se compõe. São moradores que nunca saíram de Porto de Pedras ou das suas margens, são outros que moram na pequena cidade, mas trabalham na capital, fazendo um deslocamento diário para não abrir mão do que significa estar em-casa. São moradores que vieram de outros estados e até países, porque encontraram ali lugar para desenhar para eles mesmos a vida e o habitar que julgam imprescindíveis para chamar de lar. Também se somam a estes, os passageiros, turistas, que vem e vão, compondo uma paisagem em movimento, levando a memória de Porto de Pedras dentro de si para outros territórios.

Diferentes pessoas são atraídas para um mesmo lugar e elas trazem consigo dispares DNAs, corpos, pensamentos, hábitos e culturas. A interação individualizada em cadência própria se reverbera através do ritornelo quando ganha “outras funções, amorosa, profissional ou social, litúrgica ou cósmica: ele sempre leva terra consigo, ele tem como concomitante uma terra, mesmo que espiritual, ele está em relação essencial com um Natal, um Nativo.” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 124). Como exemplo tem-se a fé aprendida através dos frades franciscanos há séculos atrás, que foi propagada e aderida de tal maneira a ser incorporada como importante característica da cidade.

A presença europeia trouxe “terra” consigo e, apesar de haver possíveis diferenças sobre conhecimentos e tradições outrora ensinados, são perceptíveis os ecos do que foi trazido um dia e, ainda que afetados pelo tempo e outras possíveis questões, se mantém como parte importante da vida dos moradores. Por exemplo, a fé ensinada pelos frades ainda hoje

reverbera através das tradicionais festividades católicas que preenchem boa parte do calendário da cidade.

Figura 6: Procissão de Nossa Senhora da Glória, Porto de Pedras.



Fonte: Autora (2023)

A formação do lugar advém de uma complexa combinação de movimentos sensíveis natos, territorializantes, que trazem o conhecimento de sua origem junto de seus corpos para onde quer que com eles ocupem. Para Deleuze e Guattari (2012, p. 153-154), “o natal consiste, portanto, numa decodificação da inatidade e uma territorialização do aprendido, um no outro.” Há algo na cidade que foi criada desde sua mais primordial origem? Mas caberia tal pergunta quando consideramos os tempos em movimento, também eles amalgamados e metamorfoseados? A cultura festiva do coco, do pastoril, vindas do terreiro do engenho, a celebração das figuras santificadas, a taipa, o beiju, são sinais de que a cidade é construída por pequenas parcelas de outras culturas e conhecimentos adquiridos e que sempre se misturam e se transformam.

5 - O QUE LEVA AS PESSOAS ÀS PEQUENAS CIDADES?

Um ritmo de vida mais lento, oportunidades de trabalho, aproximação familiar, descanso, um estilo de vida melhor etc, são múltiplas as motivações que atraem pessoas a viver na pequena cidade. Já não sendo suficiente a passagem pelo lugar, o estar temporário, para satisfazer os anseios pela vivência do espaço, a permanência frequente torna-se além de uma necessidade, um hábito. Para Heidegger (2012, p.131), “os mortais jamais o conseguiriam se habitar fosse tão-só uma de-mora sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses, com os mortais. Habitar é bem mais um demorar-se junto às coisas. ”

Em uma manifestação ordinária desses processos do habitar, a cidade se desenvolve como uma sinfonia que atrai diferentes ritmos e converge para um reverberar dos signos resultantes. Para Carneiro (2023, p.16), “semelhante ao que acontece com a casca, na cidade, as sonoridades evidenciam nuances da complexidade do território, seus movimentos entre paisagens e marcos da dinâmica social, nem sempre ligadas ao comércio. ” A partir do qual é possível enxergar a cidade com os olhos do corpo.

Atenta ao que comunica a cidade, durante uma imersão em campo, vou ao encontro do evento que ganhou destaque nas falas que ouvira durante todo o dia 06 de agosto de 2023, a festa da Igreja matriz Nossa Senhora da Glória. Carregando comigo um corpo pesquisador curioso, contudo, ainda receoso com seu primeiro contato com o lugar de pesquisa, fui conhecer uma dinâmica noturna incomum para mim. Utilizando a deriva como estratégia metodológica, desviando o corpo dos sentidos predominantes, para apreender e experienciar o lugar em um movimento de re-conhecimento da cidade e de mim mesma. A partir dessa imersão, concebeu-se um diário de bordo, apresentando uma perspectiva corporificada da experiência em campo, descrita a seguir.

À noite estava acontecendo a missa festiva na igreja matriz em comemoração à Nossa Senhora da Glória, padroeira da cidade. Me senti insegura e desafiada a fazer o que acreditava ser necessário para imergir nos hábitos e costumes da cidade. Encontrei dificuldade para chegar até a igreja e a forma resolutiva foi ir junto aos fiéis no transporte disponibilizado pela prefeitura. Acompanhada do pré-adolescente Pedro, primo em algum grau, gentil e prestativo, fui no ônibus escolar para participar da festividade. Ônibus escuro, fez muitas paradas e encheu de pessoas fardadas que pareciam se conhecerem a muito tempo, intimamente.

Durante o percurso, curto, devo dizer, eles cantavam e celebravam. Encontrei luz e sombra de devoção e comunidade. A solenidade começou na casa de uma fiel, onde se iniciou a procissão com o estandarte comemorativo. Chegando na igreja houve a suspensão do mesmo pelo padre Antelmo, onde as solenidades se iniciaram. Várias perguntas me invadiram. De onde veio esta fé? Quantas e quais camadas do habitar estão expressadas nessa paisagem ritualística? (Trecho do diário de bordo realizado em 06 de agosto de 2023)

Figura 2: Colagem fotográfica. Um novo olhar sobre Porto de Pedras.



Fonte: Autora (2024)

Como resultado desta experiência produziu-se uma colagem motivada por um olhar que encontrou muitos “outros” escrevendo a história da cidade, como em camadas que coexistem em seus diferentes tempos, por vezes simplesmente se sucedendo, por vezes em litígio ou em confluência entre si. Entre a ruína, a vida compartilhada, as águas, a jangada que corriqueiramente ocupa seu lugar, os marcos do cruzeiro e do Farol, estão os reflexos dessa bricolagem urbana. Seriam estas fronteiras ultrapassadas pelo habitar? Seriam tais argumentos os propiciadores de se delimitar os contornos de Porto de Pedras, as fronteiras que mencionamos no início do texto e que imaginamos ser difíceis de serem traçadas? Talvez se tornem ainda mais desafiantes depois que se observa que culturalmente tudo se somou e se misturou – e se mistura – naquele território.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

CARNEIRO, Ana Karolina Barbosa Corado. Vestir-se do Mundo: Corpo e Cidade em Ritmo de Desterritorialização. In: SILVA, Maria Angélica da (org.). **Arquiteturas costuradas: corpos, gestos, experimentos criativos**. Maceió: Edufal, 2023.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1967.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: HEIDEGGER, M. Ensaio e conferências. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

ILHA, Frei Manuel. **Narrativa da custódia de Santo Antônio do Brasil 1584-1621**. Edição bilíngue. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>.

JARDIM, Alice Mesquita. **A paisagem e o movimento**. (Monografia) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2007.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos: Eduneal: Fapeal, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, MARIA ANGÉLICA DA; CERQUEIRA, L. M. M.; CARNEIRO, A. K. B. C. . **Trocas miúdas, experiências alagoanas**. Revista Píxo, v. 5, p. 494-507, 2021.

SILVA, Maria Angélica da (org.). **O olhar holandês e o novo mundo**. Maceió: Edufal, 2011.